



## **ANAIS DO III SEMINÁRIO SOBRE GÊNERO:** Os desafios de um contexto em retrocesso

### **MATERIALIZAÇÕES: A ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DA TRANSEXUALIDADE NA HISTÓRIA EM QUADRINHOS *ALTERS*.**

Leonardo Stabele Santos (graduando História) - leonardostabele@hotmail.com  
UNESPAR – Campus de Campo Mourão/PR

**Resumo:** O presente trabalho irá problematizar representação acerca da transexualidade construída na História em Quadrinhos “*Alters*” vol.1 publicada em 2017 pela *Aftershock Comics*. Nela temos a primeira personagem transgênero a estrelar uma HQ. O adolescente Charlie Young não se sente vivo com seu corpo masculino, apenas quando é a super-heroína Chalice que o menino entende seu corpo. Dessa forma, a incorporação da transexualidade na revista, promove uma análise crítica dos pressupostos normativos vigentes. Nota-se uma publicação que não teve receio em desafiar um meio predominantemente masculino e heteronormativo. Dialogando com o conceito de representação de Roger Chartier (2002), busca-se problematizar essas normas que estruturam a sociedade, analisando limites e possibilidades dessa HQ enquanto gesto social de inclusão e reforço da diversidade em uma contemporaneidade rodeada por diversas discussões sobre gênero que nos últimos anos vem sofrendo atentados dos variados setores das sociedades. Atentamos ao fato de que o trabalho aborda uma fonte pouco explorada pela historiografia, o que traz consigo um desafio na construção metodológica da análise. Todavia, vêm ganhando espaço na academia, uma vez que são recursos potencialmente importantes para diálogo com diferentes processos e historicidades.

**Palavras- Chave:** Transexualidade, história em quadrinhos, gênero.

#### **Introdução**

O presente trabalho irá discutir sobre gênero em histórias em quadrinhos, ou seja, as populares HQs. As revistas em quadrinhos ainda são usadas com receio pela historiografia, porque muitas vezes a academia observa essa fonte como um mero meio de propagação do *American Way of Life*, ou ainda como infantil. Contudo, a partir dos anos 2000 essas revistas estão sendo usadas pelas editoras<sup>1</sup> para contar histórias que abrangem os

---

<sup>1</sup> A *DC Comics* realizou em 2002 o casamento entre os super-heróis Apollo e Meia-Noite. Em 2011 a editora *Archie Comics* na revista de mesmo nome, também realizou um casamento *gay*. Em 2012 pela *Marvel Comics* temos o casamento *gay* mais conhecido até então, entre o mutante membro dos *X-Men*



## **ANAIS DO III SEMINÁRIO SOBRE GÊNERO:** Os desafios de um contexto em retrocesso

mais variados grupos da sociedade e suas diferenças. Desse modo, tiram das sombras os grupos LGBTQ+. Esta história aborda uma questão ainda mais invisível pela sociedade, a transexualidade. A revista é intitulada de *Alters*, que pode ser traduzido por alterações.

### **Materiais e métodos**

Esta pesquisa usa como material a revista em quadrinhos da editora estadunidense *Aftershock* que teve seu primeiro volume publicado em Setembro de 2017. Por trás desta obra estão homens e mulheres de diferentes etnias e orientações sexuais, ou seja, a diversidade começa pelos próprios membros da editora. Todavia, vale salientar que personagens transgênero em HQs ainda são raros, porém em *Alters* somos brindados com uma narrativa que representa, da melhor maneira possível, não só a transição de gênero, mas racismo, preconceitos e dificuldades enfrentadas por pessoas com deficiências mentais, cadeirantes, etc. Sim, esta é a grande abordagem desta revista. São retratados temas reais e cotidianos de maneira mais leve.

No auxílio para a análise da revista em quadrinhos precisamos do conceito de representação. Roger Chartier (2002) comenta que é preciso entender que o ambiente social não é um local apático, imparcial, são por meio de escolhas que são produzidas maneiras que grupos ou indivíduos possam transformar o social. Em conjunto, e de importância relevante, as mais variadas discussões sobre gênero abordadas por diferentes profissionais, atuam para o melhor entendimento e possibilidade de pesquisa no referido trabalho.

### **Resultados e discussões**

Ao discutir gênero as mais difusas impedições irão surgir. Gênero vai muito além do binômio Homem X Mulher. Transcende a norma vigente da

---

Estrela Polar e seu noivo Kyle Jinadu. Infelizmente ainda não ocorrem, ao menos, entre as grandes editoras casamentos lésbicos, a *DC Comics* em 2013 iria unir em matrimônio a super-heroína *Batwoman*, todavia, por diferenças criativas a revista foi cancelada.



## **ANAIS DO III SEMINÁRIO SOBRE GÊNERO:**

**Os desafios de um contexto em retrocesso**

heterossexualidade, abrangendo inúmeras outras especificações, as mais variadas expressões corporais. Todavia, ainda dominados pela norma vigente, como diz Berenice Bento:

Antes de nascer, o corpo já está inscrito em um campo discursivo determinado. Ainda quando se é uma “promessa”, um devir há um conjunto de expectativas estruturadas numa complexa rede de pressuposições sobre comportamentos, gostos e subjetividades que acabam por antecipar o efeito que se supunha causam. (BENTO, 2010, p. 9).

Ou seja, o bebê já é vestido com roupas de cor azul (meninos) e rosa (meninas). Já possui brinquedos como bolas de futebol, caminhões, bonecas, fogões, que tentam antecipar e moldar a sua sexualidade antes mesmo que entenda sobre o assunto. Como é o caso do personagem principal da nossa revista, que se chama Charlie Young, mas se identifica com Chalice quando transvestido. Nota-se na página 16 da respectiva revista, que quando Charlie está em seu quarto olhando a peruca que usa quando se transforma em super-heroína e diz “Quero ser eu mesmo. Mas só posso ser eu mesmo... quando sou ela.” Charlie não se identifica com seu corpo masculino, não é feliz. Seu corpo, sua mente, muitas vezes, assim como de inúmeras outros jovens, esta operada desde o nascimento, amarrada a heteronormatividade que subjuga tudo e todos que fogem à regra.

Em outro momento nosso personagem é retratado com a grande dúvida que passa pela cabeça dos/as jovens que fogem a norma. Contar ou não contar e como falar com a família. Charlie se vê como o pilar que sustenta toda sua família, aquele que forçosamente precisa aturar comentários inadequados do pai, irmão, colega no trabalho. Quem dá apoio incondicional à mãe e, sobretudo, aquele doce irmão que move mundos para ajudar o irmão parapléxico. Na página 15, Charlie encontra-se em meio a muitas dúvidas e caminhos, porém com poucas respostas, “Ainda não sei como vou contar que estou passando pela transição, mas vou ter contar, de qualquer forma. Eles



## **ANAIS DO III SEMINÁRIO SOBRE GÊNERO:** **Os desafios de um contexto em retrocesso**

vão morrer com a notícia. Esta é minha intersecção: rodas funcionando. Vai haver uma batida. Vou fazer uma bagunça.” Charlie não é feliz como Charlie. Ele não consegue viver sua própria vida e, para que isso aconteça é urgente que o mundo saiba que ele é ela, que se chama Chalice e que, acima de tudo, possui superpoderes. Poderes esses que são para ignorar, para lutar diariamente pelo amor, pela vida, contra a sociedade patriarcalista, machista e opressora que mata membros da comunidade LGBT+ diariamente.

E como podemos resolver ou, ao menos diminuir esse dilema normal, porém, visto com horror pela sociedade? Como comenta Durval Muniz de Albuquerque Junior,

Em cada lugar onde estamos, em cada relação onde nos encontramos, na vida de cada um, devemos procurar repensar práticas e formas de pensar, para que possamos ser pessoas melhores, mais afetivas, mais solidárias, mais capazes de se abrir para o diferente, de amar e respeitar o diferente, buscando formar a respeito de cada uma destas diferenças conceitos que evitem o preconceito, o estereótipo, a descrição rápida e arrogante do outro. É preciso deixarmos de ser machos ou fêmeas para sermos melhores seres humanos. (JÚNIOR, 2010, p. 33).

Podemos perceber que o excerto dialoga magistralmente com o contexto da história em quadrinhos, pois além da História ter o dever de escancarar para o mundo as atrocidades cometidas ao longo dos séculos, ela também deve munir o público, estudantes e, historiadores (a) de altruísmo, ou seja, que o outro, aquele grupo periférico têm o direito de ser vistos e ouvido para que assim seja propícia a construção de um sistema menos individualizante, arrogante, preconceituoso, indiferente para com o diferente.

### **Considerações finais**

As histórias em quadrinhos contam as mais mirabolantes histórias, desde os personagens mais conhecidos até aqueles que foram renegados ao



## **ANAIS DO III SEMINÁRIO SOBRE GÊNERO:** Os desafios de um contexto em retrocesso

ostracismo editorial, contudo, é inegável que se tornaram importantes para a diversidade. Em um mundo onde a informação ocorre em um piscar de olhos, onde os mais perigosos e cruéis se escondem do outro lado da tela, as revistas em quadrinhos desempenham papel de mostrar para os mais variados públicos, principalmente jovens, que ser diferente é normal. Jovens estes que fogem a norma e encontram suas personagens favoritas passando por desafios, preconceitos, violências, essas mesmas enfrentadas pelos “diferentes”. Desse modo, as revistas em quadrinhos auxiliam no desenvolvimento de mais seres humanos.

### **Referencias**

BENTO, Berenice. *Corpos e Próteses: dos Limites Discursivos do Dimorfismo*. In: **SEXUALIDADES, CORPORALIDADES E TRANSGÊNEROS: NARRATIVAS FORA DA ORDEM**, 16., 2010, Brasília. **Anais**. Brasília. UnB, 2010.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. 2 ed. Difel, 2002. 290 p.

JENKINS, Paul; LEIZ, Leila. **Alters**. Aftershock Comics, 2017. Disponível em: <http://ds-club.net/foruns/topico/alters-2016/>. Acesso em: 09/05/2018.

JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. *Máquina de fazer machos: gênero e práticas culturais, desafio para o encontro das diferenças*. **Gêneros e práticas culturais: desafios históricos e saberes interdisciplinares**. EDUEPB, p. 23-34. 2010.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**, São Paulo, vol. 24, n. 1, 2005, p. 77-98.